
**A CATEGORIA DA PARTICULARIDADE NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO:
APONTAMENTOS NA ÁREA DA EDUCAÇÃO**

**LA CATEGORÍA DE LA PARTICULARIDAD EN LA PRODUCCIÓN DE
CONOCIMIENTO: NOTAS SOBRE EL ÁREA DE EDUCACIÓN**

**THE CATEGORY OF PARTICULARITY IN KNOWLEDGE PRODUCTION: NOTES ON
EDUCATION AREA**

Joana Valente Santana¹
Benedito de Jesus Pinheiro Ferreira²

Resumo: A partir do pressuposto de que vivenciamos um *recuo da teoria* na produção de conhecimento nas ciências sociais, com consequências práticas importantes, este artigo tem como tema a produção teórica referenciada no método dialético marxiano, com enfoque na discussão sobre a categoria de *particularidade* e sua relação mediadora com a singularidade e a universalidade. A partir de um levantamento bibliográfico em autores da tradição marxista, o artigo visa ratificar a relevância da teoria marxista na produção do conhecimento e intervenção na realidade social, enfocando ainda algumas implicações para as teorias pedagógicas e as práticas educacionais, nomeadamente sua degradação, malgrado a proclamada relevância do campo da educação.

Palavras-chave: Particularidade; método dialético; educação.

Resumen: A partir de la premisa de que experimentamos un *retroceso de la teoría* en la producción de conocimiento en las ciencias sociales, con importantes consecuencias prácticas, este artículo se centra en la producción teórica bajo la referencia del método dialéctico marxista, centrándose en la discusión de la categoría de particularidad y su relación de mediación con la singularidad y la universalidad. A partir de una revisión de literatura en autores de la tradición marxista, el artículo pretende confirmar la relevancia de la teoría marxista en la producción de conocimiento y intervención en la realidad social, y también enfocar algunas implicaciones para las teorías pedagógicas y prácticas educativas, a saber, su degradación, a pesar de la proclamada relevancia del campo de la educación.

Palabras clave: particularidad; método dialéctico; educación.

Abstract: From the assumption that we experience a *decline of theory* in production of knowledge in the social sciences with significant practical consequences, this paper focuses on the theoretical production referenced in Marx's dialectical method, focusing on the discussion of the *particularity* category and its mediation relationship with singularity and universality. Based on a literature review on authors of the Marxist tradition, the article aims to confirm the relevance of Marxist theory in knowledge production and intervention in social reality, still focusing on some implications for pedagogical theories and educational practices, namely its degradation, despite the proclaimed relevance of education field.

Keywords: particularity; dialectical method; education.

Introdução

O marxismo não pode renunciar — ainda que os tempos não sejam propícios para isso — à exigência de elevar a consciência da necessidade, possibilidade e desejabilidade da mudança social, e a inspirar os atos práticos necessários para isso (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 2007, p. 439-440).

As reestruturações societárias em curso em escala planetária vêm produzindo forte degradação da vida humana. As mais brutais violências que ocorrem na sociedade fundada na produção de mais valia — tanto maiores quanto mais avançado o processo de mundialização do sistema de produção em que se prioriza o valor de troca, em detrimento do valor de uso — colocam como nunca, na ordem do dia, o lema *socialismo ou barbárie*. Paradoxalmente, segundo formulação de Frigotto (2014, p. 35), “o que sobressai é um domínio quase absoluto do pensamento e teorias conservadoras que tentam nos convencer de que o capitalismo é eterno”. Permanecemos assim, diante do clássico desafio: *decifra-me ou te devoro*. Jameson (1997) apud Frigotto (2014, p. 29) traz a expressiva caracterização do desencanto com as possibilidades de superação do capitalismo: “parece que hoje é mais fácil imaginar a deterioração total da Terra e da natureza do que o colapso do capitalismo tardio”.

O desafio de compreensão do mundo atual, registre-se, coloca-se como consenso. Entretanto (já que não cabem ilusões acerca dos *interesses de classe* em jogo) este desafio é permeado por disputas ideológicas, isto é, pela luta de classes, que adentra incisivamente o campo das ciências sociais, procurando vivamente colocar em descrédito a possibilidade da apreensão verdadeira ou objetiva da realidade, afirmando a valorização do imediato em relação ao mediato: do instantâneo em detrimento da historicidade; dos “olhares” em detrimento da concepção do concreto como síntese de múltiplas determinações.

Segundo Marcondes de Moraes (2003a) dá-se o *recuo da teoria*, fenômeno que expressa um retrocesso em relação ao histórico projeto da humanidade de conquista de formas sempre mais ricas de compreensão da realidade, e — mais importante — não somente como pura contemplação, mas tendo-se em vista a práxis histórica, onde se coloca de forma imperativa o atendimento das (cada vez mais complexas e universalizadas) necessidades humanas.

O presente artigo, em oposição a esse movimento de recuo da teoria, adota como objeto a produção do conhecimento com base no *método dialético*, em especial a categoria de *particularidade*, relevante por seu indispensável papel de mediação entre a *singularidade* e a *universalidade* no esforço de produção de conhecimento na perspectiva marxista de totalidade: como concreto na esfera do pensamento, elaborado a partir do nível empírico, mediado pelo abstrato.

O interesse na apreensão da categoria de particularidade vincula-se à necessidade de ratificação da teoria marxista do conhecimento, em particular na área da educação, como a forma mais adequada de apreensão da totalidade da vida social e intervenção nela. Pretende-se reafirmar a importância dos elementos teórico-metodológicos de aporte marxiano, tendo-se em vista um posicionamento preciso dentro do embate teórico com as tendências irracionalistas em voga.

Com base em levantamento bibliográfico de autores da teoria marxista, o texto é dividido em duas seções. A primeira discorre sobre os elementos centrais do método dialético desenvolvido por Marx. A segunda aponta a elaboração feita por Lukács sobre a categoria de particularidade. Nas considerações finais serão destacados os vínculos entre o tema central do artigo e questões tanto das teorias pedagógicas quanto de formulações de políticas e das práticas educacionais.

A construção do método na teoria marxiana

A construção teórica do método dialético não foi objeto central nas elaborações da teoria marxiana. Cabe ressaltar que essa teoria foi desenvolvida no século XIX, no momento em que se constituiu um programa sócio-cultural, a modernidade, baseado no movimento da Ilustração e quando ocorre, nesse mesmo século, o que Lukács (1968) denomina de “decadência ideológica do pensamento burguês”³. Marx procura compreender a processualidade do ser social⁴; tem por objeto de análise a gênese, constituição e crise da ordem burguesa. Nesta direção, diz Netto (1989, p. 92-93) que o

pensamento de Marx funda uma *teoria social*: toda a sua pesquisa está centrada na análise radicalmente crítica da emergência, do desenvolvimento, da consolidação e dos vetores de crise da sociedade burguesa e do ordenamento capitalista. Nesta teoria social, o traço peculiar, mais pertinente e decisivo refere-se ao seu cariz *histórico-ontológico* (...). De outro, esta reflexão teórica não se propõe como matriz ideal, modelo intelectualivo ou paradigma de explicação do real; ela se instaura como re-produção ideal do movimento real do próprio ser social – instaura-se como re-construção, no nível da razão, do modo de ser do ser social (...). Antes de mais, esta teoria articula-se sobre a *perspectiva da totalidade*: a sociedade é apreendida como uma totalidade concreta, dinâmica e contraditória, que se constitui de processos que, eles mesmos, possuem uma estrutura de totalidade – de maior ou menor complexidade. A categoria da totalidade, nesta angulação, é simultaneamente a categoria central da realidade histórico-social e a categoria nuclear da sua re-produção teórica (...).

Na constituição do pensamento marxiano, a preocupação com o aspecto metodológico já é notada em *A ideologia alemã* e *A miséria da filosofia*. Contudo, uma detida exposição do método de investigação se encontrará na *Introdução à crítica da economia política*, dos anos 1850. Nesse texto, Marx explicitará com nitidez o caminho metodológico para apreensão da sociedade burguesa, tendo claro que a compreensão dessa sociedade perpassaria necessariamente a crítica da economia política, campo teórico formulado, especialmente, por Adam Smith e David Ricardo, expressos defensores da ordem burguesa. Ao contrapor-se às suas formulações, Marx (2008) expõe *o método da economia política* para a investigação das determinações da ordem burguesa. Contrariamente ao modo fragmentado de análise empreendida pela economia política clássica, uma “representação caótica do todo” (MARX, 2008, p. 258), impunha-se a análise da sociedade burguesa via apreensão da totalidade concreta determinada, somente possível de ser apreendida no plano do pensamento:

O concreto é concreto, porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso, o concreto aparece no pensamento como o processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, embora seja o verdadeiro ponto de partida e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação. No primeiro método, a representação plena volatiliza-se na determinação abstrata; no segundo, as determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto por meio do pensamento (MARX, 2008, p. 258-259).

Essa passagem é extremamente rica no contexto da problematização teórico-metodológica marxiana, pois demonstra que o concreto é unidade do diverso por conter múltiplas determinações. Só através do pensamento, porém, é possível captar essas determinações, compreendê-las e, assim, expor a síntese, o resultado: o concreto pensado. O concreto é síntese e é resultado de um elaborado processo de pensamento. Mas o concreto não é ponto de partida, porque é resultado de um processo de apreensão, embora seja ponto de partida, uma vez que o processo de elaboração do conhecimento parte das manifestações fenomênicas do real e não da *ideia pura*. Em contraposição a Hegel, Marx afirma:

o método que consiste em elevar-se do abstrato ao concreto não é senão a maneira de proceder do pensamento para se apropriar do concreto, para reproduzi-lo mentalmente como coisa concreta. Porém, isso não é, de nenhum modo, o processo da gênese do próprio concreto. (MARX, 2008, p. 259).

Isso significa que o objeto, como produto da história, preexiste ao sujeito; não é resultado do pensamento. A análise do objeto, entretanto, só pode ser feita no plano abstrato; isto é, o pensamento é capaz de apreender as determinações constituintes e constitutivas da realidade reproduzindo-as como concreto pensado.

Nesta direção, Netto (2000) nos diz que a escolha do método de investigação não pode ser aleatória, pois

o método é uma relação necessária entre o sujeito que investiga e o objeto investigado. Quando digo necessária, quero usar toda a força do termo; é uma relação *necessária* na medida em que, para abordar um fenômeno determinado, e abordá-lo em sua verdade constituinte (porque a verdade dos fenômenos não está dada, é uma verdade que se constrói na história dos fenômenos), apenas uma perspectiva metodológica é adequada. O método é como que a equação da razão constituinte entre o sujeito e o objeto (p. 71, tradução nossa, grifo no original).

Marx discute as distintas formas de conhecimento, contrapõe-se ao idealismo quanto à constituição da realidade e sua compreensão de que esta deriva da *Ideia*. Para esse autor, o pensamento tão somente tem a capacidade de recompor mentalmente o objeto, compreendendo-o na sua totalidade:

O todo, tal como aparece no cérebro, como um todo mental, é um produto do cérebro pensante, que se apropria do mundo da única maneira em que o pode fazer, maneira que difere do modo artístico, religioso e prático de se apropriar dele. O objeto concreto permanece em pé antes e depois, em sua independência e fora do cérebro ao mesmo tempo, isto é, o cérebro não se comporta senão especulativamente, teoricamente. (...) (MARX, 2008, p. 260).

A construção teórico-metodológica de Marx foi resgatada no início do século XX por Georg Lukács. Na obra *História e consciência de classe* (LUKÁCS, 2003), o autor estabelece um debate com a vertente positivista, resgatando a importância do método desenvolvido por Marx. No texto “O que é o marxismo ortodoxo?”, esclarece que a ortodoxia marxiana refere-se ao método dialético:

O marxismo ortodoxo não significa, portanto, um reconhecimento sem crítica dos resultados da investigação de Marx, não significa uma “fé” numa ou noutra tese, nem a exegese de um livro “sagrado”. Em matéria de marxismo, a ortodoxia se refere antes e exclusivamente ao *método*. Ela implica a convicção científica de que, com o marxismo dialético, foi encontrado o método de investigação correto, que esse método só pode ser desenvolvido, aperfeiçoado e aprofundado no sentido dos seus fundadores, mas que

todas as tentativas para superá-lo ou “aperfeiçoá-lo” conduziram somente à banalização, a fazer dele um ecletismo – e tinham necessariamente de conduzir a isso (LUKÁCS, 2003, p. 64, grifos no original).

Dentre a contribuição de Lukács, destaca-se a discussão sobre a categoria da particularidade, vinculada e complementar às de singularidade e universalidade. É o que será discutido a seguir.

Categoria da particularidade: caminho necessário na reprodução do concreto

Na obra *Introdução a uma estética marxista*, Lukács (1978) discorre sobre o *particular à luz do materialismo dialético*. Nessa direção, enfatiza que Hegel, embora idealista, foi o primeiro teórico a tratar da problemática do particular de forma correta. Marx ao criticar Hegel, tanto no período em que era um hegeliano de esquerda, e, posteriormente, ao realizar a “inversão materialista da dialética idealista” (LUKÁCS, 1978, p. 74) preocupou-se em resgatar o caráter progressista do pensamento hegeliano, no que diz respeito à atividade.

Lukács (1978) demonstra que a problemática da particularidade aparece em Hegel a partir do interesse na compreensão da Revolução Francesa. Destaca assim o mérito desse pensador em ter apreendido a dialética do universal e do particular no âmbito dessa revolução, “desmascarando a pretensão das velhas classes dirigentes em representar os interesses de toda a sociedade (o universal), quando ela pretendia realizar tão-somente os seus restritos e egoístas interesses de classe (o particular)” (LUKÁCS, 1978, p. 76). Tendo em vista a perspectiva da revolução democrática na Alemanha e da revolução socialista que deveria ser dirigida pelo proletariado, Marx afirma que uma classe particular somente pode reivindicar o domínio universal em nome dos direitos universais da sociedade.

Seguindo sua argumentação, Lukács enfatiza os aspectos históricos que incidiram sobre a formação das categorias no pensamento hegeliano (especialmente as referentes à universalidade, singularidade e particularidade), as quais foram reelaboradas por Marx, mediante sua concepção materialista, presente n’*A ideologia alemã*.

A intuição de Hegel se torna um preciso conhecimento revolucionário. A modificação, o enriquecimento e a concretização decisiva residem no fato de que, agora, Marx está em condições de prestar contas, integralmente, com todas as ilusões – historicamente necessárias – das revoluções burguesas. Por isto, nesta dialética de universal e particular, o conceito de universal sofre uma modificação e uma clarificação qualitativamente decisivas. Na *Ideologia Alemã*, Marx diz: “toda classe que aspira a dominação, mesmo quando – como no caso do proletariado – sua dominação implique na superação de toda velha forma da sociedade e da dominação em geral, deve antes de tudo conquistar o poder político, a fim de representar, por sua vez, o seu interesse como universal, a isto estando obrigada em primeiro momento. Precisamente porque os indivíduos buscam *apenas* o seu interesse particular, que não coincide com o seu interesse coletivo, e o universal em geral é forma ilusória da coletividade, este vem imposto como um interesse universal, também ele por sua vez particular e específico, a eles ‘estranho’ e deles ‘independente’, ou então os próprios indivíduos devem contrapor-se entre si neste dissídio, como na democracia” (LUKÁCS, 1978, p. 77-78, grifos no original).

O autor destaca que Marx colhe criticamente do pensamento hegeliano o caráter lógico e político acerca da relação do universal com o particular e o singular, cruciais para a elaboração das categorias marxistas.

Essa preocupação em tomar radicalmente o problema da universalidade está presente no debate que Marx trava com os economistas políticos ingleses, ao investigar o conceito de “produção geral”, tal como defendida por esses economistas. Para estes, o capital é uma relação natural, eterna e universal; desprezam, portanto, as determinações da existência do capital, sem observar sua especificidade e historicidade. Tal formulação universal leva a uma apologia do capitalismo.

Pode-se ver como a apologética – do ponto de vista metodológico – parta do fato de que uma generalização justificada dentro de certos limites é ampliada de um modo ilimitado; este resultado só se pode obter na medida em que o conceito de universalidade é “libertado” de toda relação dialética (determinação, limitação, enriquecimento, concretização, etc.) com a particularidade (LUKÁCS, 1978, p. 84-5).

Tem-se assim uma formulação abstrata do universal que anula sua relação com o particular. No entanto, apoiado em Marx, Lukács (1978), enfatiza que a análise sobre o capitalismo, mesmo que se trate de uma situação singular ou do sistema em geral, requer a compreensão da dialética do universal e do particular. Na *Introdução à crítica da economia política*, Marx evidencia, através de análise histórica, particular, que o capital, diferentemente de como pensam os economistas ingleses, não é a última forma de desenvolvimento das forças produtivas.

Em sua principal obra – *O Capital* – Marx demonstra que o capitalismo é um modo de produção particular, resultado do desenvolvimento histórico, que depende do desenvolvimento das forças produtivas, onde os homens produzem sua vida social, tendo um caráter transitório.

Nota-se, assim, que tanto a economia inglesa quanto o idealismo filosófico tendem a valorizar a universalidade, porém desligada de sua determinação histórica, sua particularidade. Assim:

(...) Destruir as vazias concepções idealistas da universalidade serve, sobretudo, para restabelecer esta categoria, formulada de maneira exata em sua aplicação dialética, justa e científica. (...) E pode-se dizer: Marx considera a universalidade como uma abstração realizada pela própria realidade, e então – só então - ela se torna uma justa idéia, isto é, quando a ciência reflete adequadamente o desenvolvimento vital da realidade em seu movimento, em sua complexidade, em suas verdadeiras proporções (...) (LUKÁCS, 1978, p. 87).

Assim, qualquer investigação que se proponha rigorosa na apreensão do real, deve perseguir a compreensão da dialética do universal, do particular e do singular. Nesta direção, afirma Paniago (1996), a realidade objetiva é constituída por várias mediações, apreendidas

‘enquanto cadeia viva entre a singularidade e a universalidade’. (...) À consciência, elemento ativo no processo de reprodução social, é colocada a necessidade de produzir o conhecimento das situações singulares, das generalizações universais e do modo particular em que se articula o mundo objetivo (PANIAGO, 1996, p. 78-9).

Assim, o pensamento marxiano, que define o caminho metodológico para a apreensão do real, indica que as formulações gerais abstratas (leis, tendências) - que somente são apreendidas no plano do pensamento, e que, portanto, correspondem à universalidade - só existem referidas a uma singularidade, a uma realidade específica determinada, cuja apreensão deve ser apanhada no campo da particularidade histórica. Desta forma, não há uma autonomização do universal em relação ao singular e vice-versa, eles fazem parte de uma mesma relação dialética, presente na particularidade (LUKÁCS, 1978). Através da análise concreta é possível apreender a relação entre o universal e o particular:

(...) De uma similar análise concreta, surge sempre e por toda parte a relativização dialética do universal e do particular; em determinadas situações concretas eles se convertem um no outro, em determinadas situações concretas o universal se especifica, em uma determinada relação ele se torna particular, mas pode também ocorrer que o universal se dilate e anule a particularidade, ou que um anterior particular se desenvolva até a universalidade ou vice-versa (...) (LUKÁCS, 1978, p. 92).

O particular é um membro intermediário que mediatiza a relação do singular e do universal e vice-versa, tanto na realidade, quanto no pensamento que capta o movimento, a estrutura. Em suma, o particular é o campo de mediações.

Lukács (1978) destaca que a filosofia burguesa, em seu processo de decadência, infirmou a categoria da particularidade, exponenciando a singularidade ou a universalidade, sem as devidas mediações:

Esta tendência se reforça continuamente durante o período imperialista. Deste modo, após o breve episódio da filosofia clássica alemã, o problema da particularidade desaparece do pensamento burguês. Apenas o materialismo dialético está em condições de colocar com justeza e de resolver também este problema (...) (LUKÁCS, 1978, p. 121).

Ratificando a importância do método de investigação como elemento essencial de apreensão do ser social, diz Lukács (2012, p. 303) “Do ponto de vista metodológico, é preciso observar desde o início que Marx separa dois complexos: o ser social, que existe independentemente do fato de ser mais ou menos corretamente conhecido, e o método de sua apreensão ideal mais adequada possível”⁵.

No interior do método dialético, as categorias da particularidade, singularidade e universalidade, que correspondem às dimensões do real, constituem-se em elementos fundamentais para a apreensão dos complexos determinantes da realidade social.

Considerações finais

Em busca de uma síntese da discussão realizada, impõe-se a indagação acerca dos nexos constituídos na área educacional entre a produção teórica sob a atual influência do irracionalismo, a formulação de políticas e as consequências destas nas práticas pedagógicas. Se o ceticismo epistemológico e o relativismo ontológico constituem o fundamento de uma “nova pedagogia” supostamente mais adequada aos tempos da “sociedade do conhecimento”, “sociedade aprendente”, etc., a consequência é certa: concepções que acabam por servir de base ao esvaziamento das políticas educacionais e práticas pedagógicas incapazes de corresponder à tão propalada “centralidade da educação”. Nesse sentido,

(...) percebem-se uma simulação e uma inversão da dinâmica: se, por um lado o discurso oficial reiterava a necessidade de o país criar as bases para sua inserção no novo paradigma da economia ou sociedade do conhecimento, por outro, desenvolvia políticas que efetivamente retiravam do complexo educativo, e notadamente, da formação docente a qualificação necessária à produção de conhecimentos (MORAES, 2003b, p. 11).

Cabe destacar que o ceticismo não é apenas epistemológico, mas ético e político, e se apresenta tanto em suas versões deliberadamente conservadoras quanto em versões supostamente críticas. Estas

últimas apontam com veemência as mazelas atuais; porém, pela diluição da teoria na própria crítica restam impotentes para orientar a transformação da sociedade.

A retomada do projeto colocado na epígrafe deste artigo, de elevação das consciências – ou nas palavras de Saviani (2007), a superação do senso comum rumo à consciência filosófica – é urgente em face das tendências irracionistas e cabe, acima de tudo, ao campo educacional; contudo, só será eficaz se empreendido com os meios adequados. Como bem aponta Saviani (2007):

Como realizar essa tarefa? Ora, não se elabora uma concepção sem método; e não se atinge a coerência sem lógica. Mais do que isso, se se trata de elaborar uma concepção que seja suscetível de se tornar hegemônica, isto é, que seja capaz de superar a concepção atualmente dominante, é necessário dispor de instrumentos lógico-metodológicos cuja força seja superior àqueles que garantem a força e coerência da concepção dominante. Aqui são fundamentais as indicações contidas no texto de Marx denominado “Método da Economia Política”, (...) o qual coloca de modo correto a distinção entre o concreto, o abstrato e o empírico (p. 4).

As reflexões sobre o método desenvolvido no contexto da obra marxiana e, em especial, o resgate lukacsiano sobre a relação entre a particularidade, a universalidade e a singularidade no interior da teoria marxista, indicam que a compreensão desse método é absolutamente necessária se se quer apreender o processo de produção e reprodução da vida material e espiritual. Nesse sentido, a categoria de particularidade é *indispensável*. Segundo Mészáros, trata-se de realizar a devida mediação entre dois extremos, sem a qual os riscos são efetivos:

O culto direto da totalidade, a mistificação da totalidade como imediaticidade, a negação das mediações e interconexões complexas de umas com as outras só podem produzir um mito e, como provou o nazismo, um mito perigoso. O outro extremo da separação não dialética, ou seja, o culto da imediaticidade e a negação da totalidade, das interconexões objetivas entre os complexos individuais, também é perigoso e produz a desorientação, a defesa da fragmentação, a psicologia da insignificância de nossas ações, a rejeição cínica da atividade inspirada pela moral e a aceitação impotente de nossas condições, por mais inumanas que sejam. Não surpreende que Lukács rejeite os dois extremos. (MÉSZÁROS, 2013, p. 58)

Cumprir o princípio marxista de que a verdadeira ciência é a ciência da história, no sentido de desmistificar as formulações que empreendem uma separação entre a economia, a política, a sociedade, a cultura e outras formas de objetivação da vida social, restando assim incapazes de alcançar uma percepção totalizadora do conhecimento porque desprezam o campo da particularidade, *locus* da síntese entre singularidade e da universalidade.

Nesse sentido, cumprir fortalecer e aprofundar a compreensão do método de investigação construído por Marx ao longo de sua trajetória, como militante político e intelectual, realizando ao mesmo tempo o embate com as tendências irracionistas, que apontam para a desorientação teórica e ceticismo ético.

Referências bibliográficas

COUTINHO, Carlos Nelson. O estruturalismo e a miséria da razão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

FRIGOTTO, Gaudêncio. As novas e velhas faces da crise do capital e o labirinto dos referenciais teóricos. In: _____; CIAVATTA, Maria (Orgs.). *Teoria e educação no labirinto do capital*. São Paulo: Expressão Popular, 2014. p. 29-69.

JAMESON, Fredric. *As sementes do tempo*. São Paulo: Ática, 1997.

LUKÁCS, Georg. Marx e o problema da decadência ideológica. In: LUKÁCS, G. *Marxismo e teoria da literatura*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

_____. O que é o marxismo ortodoxo?. In: LUKÁCS, G. In: *História e consciência de classe*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 63-104.

_____. Introdução a uma estética marxista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. 298 p.

_____. Para uma ontologia do ser social. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012. 434 p.

MARX, Karl. Contribuição à crítica da Economia Política. São Paulo: Expressão popular, 2008. 288 p.

MÉSZÁROS, István. O conceito de dialética em Lukács. São Paulo: Boitempo, 2013. 174p.

MORAES, M. C. M. Recuo da teoria. In: _____. (Org.). *Illuminismo às Avessas - Produção de conhecimento e políticas de formação docente*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003a. p. 7-19.

MORAES, M. C. M. Proposições acerca da produção de conhecimento e políticas de formação docente. In: _____. (Org.). *Illuminismo às Avessas - Produção de conhecimento e políticas de formação docente*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003b. p. 151-167.

NETTO, José Paulo. O Serviço Social e a tradição marxista. *Serviço Social e Sociedade*. n. 30. Ano X. São Paulo: Cortez Editora, abr. 1989. p. 89-102.

_____. Método y teoría en las diferentes matrices del Servicio Social. In: BORGIANNI, E. e MONTAÑO, C. (Orgs.). *Metodologia y Servicio Social*. São Paulo: Cortez Editora, 2000. p. 51-93

PANIAGO, Cristina. Possibilidade ontológica do conhecimento. In: LESSA, Sérgio (org.) et alli. *Habermas e Lukács: método trabalho e objetividade*. Maceió: EDUFAL, 1996.

ROUANET, S. P. Mal-estar na modernidade. São Paulo: Cia. Das letras, 1993.

SÁNCHEZ VÁSQUEZ, Adolfo. Filosofia da Práxis. São Paulo: Expressão Popular: 2007, 488p.

SAVIANI, Dermeval. Educação – Do senso comum à consciência filosófica. Campinas, SP: Autores Associados, 2007. 293 p.

Notas:

¹ Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente do Programa de Pós-graduação em Serviço Social e da Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal do Pará. E-mail: joanavalente@ufpa.br

² Doutor em Engenharia de Sistemas e Computação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente do Programa de Pós-graduação em Educação e da Faculdade de Computação da Universidade Federal do Pará. E-mail: ferreira@ufpa.br

³ A compreensão sobre a modernidade e o movimento de “decadência ideológica da burguesia” está baseada em Rouanet (1993), Lukács (1968), Coutinho (1974).

⁴ Lukács (2012) demonstra que embora a teoria marxiana não tenha tratado autonomamente de problemas ontológicos, as discussões apresentadas por Marx tratam de um certo tipo de ser (o ser social), o que corresponde a afirmações ontológicas.

⁵ É importante registrar que a recuperação metodológica da obra marxiana por Lukács (2012) ocorre ao mesmo tempo em que este autor estabelece um debate com o racionalismo formal e o irracionalismo, afirmando a necessidade de um posicionamento crítico da ciência. “Ainda que com conteúdos inteiramente modificados, tal crítica é necessária e atual ainda hoje, com o objetivo de limpar as ciências dos preconceitos neopositivistas, que não mais se limitam predominantemente ao campo da filosofia em sentido estrito, mas introduzem deformações essenciais também nas próprias ciências” (p. 294).

Recebido em: 30/12/2015

Aceito em: 23/05/2016